

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MERIELLEM DE ASSIS SILVA SOUZA

**MEMORIAL REFLEXIVO:
USO DAS TÉCNICAS FREINET NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Uberlândia

2021

MERIELLEM DE ASSIS SILVA SOUZA

USO DAS TÉCNICAS FREINET NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia

2021

Dedico este trabalho aos meus pais, pilares da minha formação como ser humano, ao meu marido e filhas pelo estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

Aos meus pais Francisco e Raimunda pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

Ao meu marido Jean Carlos e minhas filhas Melissa e Isabela pelo amor incondicional e por compreender minha dedicação em todo o curso e em especial no projeto de pesquisa.

A professora orientadora Dra. Adriana Buim Arena, por ajudar-me a conhecer melhor a pedagogia Freinet e pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo de pesquisa e elaboração desse projeto.

A tutora Rita de Cassia Starling pelo apoio e incentivo durante todo o processo de formação.

A todos os meus colegas do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer à Universidade Federal de Uberlândia e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

“

“A escola é um lugar de vida, onde as crianças
podem se expressar e ser
ouvidas, onde elas trabalham para aprender e
onde fazem a aprendizagem da
democracia através da vida cooperativa.”

Célestin Freinet

RESUMO

Este memorial tem o objetivo de relatar a minha trajetória pessoal de formação, refletindo sobre os fatos e os feitos marcantes de minha vida, bem como as transformações identificadas no ritmo do tempo dos acontecimentos em distintos espaços e contextos, culminando com minha participação no Curso de Graduação em Pedagogia. Também tem como intenção aprofundar conhecimentos no uso das técnicas de Célestin Freinet, especialmente na aula passeio, texto livre, livro da vida e a imprensa escolar, destacando suas contribuições para formação das crianças.

Palavras-chave: Memorial reflexivo. Célestin Freinet. Técnicas Freinet, Aula Passeio, Texto livre, Livro da Vida, Imprensa Escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 MERIELLEM: O PERCURSO EM BUSCA DO SER PROFESSORA

3 TÉCNICAS FREINET – O CONHECIMENTO POR MEIO DA VIVÊNCIA

3.1 O surgimento de uma nova pedagogia

3.1.1 Aula passeio

3.1.2 Texto livre

3.1.3 Livro da vida

3.1.4 Imprensa escolar

4 CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia foi estruturada em forma de memorial que é uma autobiografia, onde podemos narrar nossa história, nos reconhecer e conhecer a construção da nossa identidade. Na primeira parte, será apresentado o percurso de minha formação em forma de um memorial reflexivo. Segundo Santos (2005):

o memorial é uma autobiografia, formada a partir de uma narrativa histórica e reflexiva, que deve ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, dando conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que um leitor possa ter as informações completas e precisas do itinerário percorrido por vocês na sua vida e seu curso.

O texto escrito é fruto de uma viagem no tempo e da rememoração da minha vida educacional de um cenário que a pouco esquecido, porém agora entrecruzado com o presente. Já na segunda parte, busquei refletir, através das minhas memórias e de experiências vividas no decorrer da vida escolar, e até mesmo ressaltar sobre o uso das técnicas da Pedagogia de Célestin Freinet e como em especial a técnica do Texto livre contribui para a formação de um ser mais livre, autônomo, pensante e produtor de textos.

Ele foi um educador francês que nasceu em 1896, num pequeno vilarejo na cidade de Gars, região dos Alpes Marítimos. Militante, filho de camponeses, dedicou sua vida a lutar pelas classes menos favorecidas, defendendo “uma escola do povo”.

Freinet procurou transformar a educação por meio de alternativas que despertassem o interesse dos alunos, crianças e jovens, de maneira sensível e humana. As alternativas sugeriam formas de se trabalhar a educação, visando mudanças no enfoque das atividades práticas a serem realizadas, paralelamente, aos conceitos, aos fundamentos, aos princípios e aos valores para promover uma nova forma de educar.

2 MERIELLEM: O PERCURSO EM BUSCA DO SER PROFESSORA

Ao parar um pouco e pensar em como foi minha trajetória na escola até os dias de hoje, percebi que não tenho tantas memórias, porém veio à mente a primeira escola que estudei. Era uma escola pequena situada em um bairro humilde que morávamos, não consigo lembrar seu nome, nem os nomes das professoras, mas as imagens de sua estrutura física ainda tenho. Na entrada tinha um muro alto branco que nos distanciava de todo o mundo que ficava fora dele. Lembro-me também das cadeiras em fileiras e que sentava logo na frente, pertinho da professora.

Hoje fico pensando se minhas lembranças ficaram presas entre as paredes daquele muro alto. Imagino que poderia ser diferente se as coisas que vivia fora do horário escolar não ficassem barradas do lado de fora, mas que entrasse junto comigo para um aprendizado para toda a vida, tenho certeza que jamais esqueceria. Como dizia Célestin Freinet com relação à escola, “a porta e as paredes deixavam de ser barreiras, a vida entrava para dentro da classe junto com a luz do sol” (apud, SAMPAIO, 1989, p. 21).

Quando passei para o ensino fundamental (antiga primeira série) mudei para uma escola que pertencia a fábrica onde meus pais trabalhavam. Era uma escola de boa reputação na cidade, conhecida por sua qualidade no ensino e também por seu rigor. Recordo-me que existia um uniforme o qual deveria estar sempre limpo e passado, meias apenas brancas e um sapato padrão. O cabelo deveria estar sempre penteado e as unhas sempre limpas e cortadas.

Ao tocar o sinal, deveríamos nos reunir em uma quadra no centro da escola, nos organizávamos em filas do menor para o maior, meninas separadas dos meninos. Rezávamos o Pai nosso e Ave Maria todos os dias e nas quintas-feiras após as orações cantávamos o Hino Nacional.

Ao chegar na sala de aula cada um sentava em sua carteira em silêncio, falar apenas com a permissão do professor. Era extremamente proibido, balas, chicletes e pirulitos, e, diante de qualquer tipo de desobediência, a criança era levada direto para a direção. A diretora por sua vez era uma mulher muito rígida, que só em ouvir seu nome tremíamos de medo. Ela e seus cabelos vermelhos!

Uma escola totalmente tradicional, hoje entendo o que isso significa só não consigo entender porque tanto rigor.

Nunca fui uma criança que amava estudar, mas fui uma boa aluna, cumpridora das regras e responsável com minhas tarefas. Só não sei se era porque realmente queria ou se era apenas por medo.

Por que será que quando entramos na escola não encontramos a continuação de nossa vida? Mas ao invés disso, muitas vezes encontramos outro mundo, com inúmeros deveres e regras para nos adaptar.

Segundo Freinet “Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atitude imposta é paralisante.” (SAMPAIO, 1989, p. 84).

Estudei nessa escola até a quinta série, tive diversos professores, mas lembro apenas de uma que foi a da quarta série, dona Cacilda. Ela já era senhora de idade avançada, e era bem corcunda. Mas o que realmente me faz lembrar dela é que sempre me elogiava e que me tratava muito bem. Acho que pela primeira vez no decorrer da minha vida escolar pude me sentir importante.

O respeito e o envolvimento afetivo do professor para com seus alunos é essencial para o desenvolvimento do aprendizado. Sampaio (1989, p. 45) relata que:

À criança, sobretudo, era preciso dar o direito de viver plenamente como criança, sob todos os aspectos. Era necessário respeitá-la para que pudesse desenvolver suas capacidades e sua personalidade sem afastar-se de uma finalidade social e humana mais ampla. Freinet era acima de tudo um humanista.

Quando cursava o quinto ano, a fábrica onde meus pais trabalhavam declarou falência e, conseqüentemente, esse foi o último ano da escola.

Apesar de toda rigidez e de parecer mais um quartel do que uma instituição de ensino, fiquei extremamente triste por saber que teria que mudar de escola e também ficar longe das pessoas que conhecia.

No ano seguinte fui cursar o sexto ano em uma escola pública onde meus pais conseguiram vaga. No início chorei muito, pois achava que a escola era uma bagunça por não ter regras tão rígidas como as que estava acostumada. Mas com o tempo e como tudo na vida vamos nos adaptando até que aquela situação torna-se comum no nosso dia a dia. É interessante pensar que por mais que não me lembre exatamente das coisas que aconteceram em toda minha trajetória escolar, elas tiveram grande influência na pessoa que sou hoje, sejam elas boas ou não. Segundo Elias (2004, p. 45), “A educação não é uma fórmula de escola, um verniz

espalhado sobre um metal fundido. É uma obra que deve gravar-se na criança por toda a vida, produzir marcas permanentes”.

Estudei nessa escola até concluir o ensino fundamental. Também não lembro dos professores que tive, recordo-me apenas da professora de ciências que era muito engraçada e que nos dias de prova ia sempre de óculos escuros para ninguém saber para onde ela estava olhando. E da professora de inglês, que passou o ano inteiro ensinando o verbo To be e falando de seu cachorro chamado bamby.

Certa vez Freinet comparou as práticas escolares da escolástica em 1914, as das praticadas em 1944 e eu acrescento que podemos ver essas práticas até os dias de hoje, como as avaliações sob pressão, acredito que em 1914 não usavam óculos escuros, mas foi apenas uma adaptação da própria professora.

Nessa escola também tinha uma biblioteca onde tínhamos acesso livre, o que não existia na escola anterior. Certo ano houve um concurso de leitores. Não vou mentir... não tinha o hábito de ler. Lembro do primeiro livro que li, A droga da obediência, de Pedro Bandeira, e esta leitura me despertou o desejo de buscar outros livros. Consegui ganhar o terceiro lugar. O prêmio era algo bem simbólico, mas lembro que fiquei muito feliz. Hoje entendo que o verdadeiro prêmio desse concurso não foi o que eles entregaram para os alunos por meio de competição, mas o que conseguiram despertar dentro deles, o desejo de ler. Sou grata por esse desejo que nasceu em mim e também por em meio as imposições de uma escola tradicional, termos meus colegas e eu um pouco de liberdade; liberdade de escolhermos o que gostaríamos de ler.

Célestin Freinet sempre viu a criança como um cidadão, e precisava ser respeitado como tal. E com essa visão, desde muito cedo a criança podia opinar ou fazer escolhas e críticas sobre algo que lhe é exposto, proporcionando para ela o direito e a oportunidade de raciocinar, e transformar seu conhecimento em algo significativo.

Ao finalizar o ano, minha família tinha mudado para um bairro que ficava do outro lado da cidade, e novamente tive que mudar de escola. Já iniciando o ensino médio em uma nova escola e também em um novo endereço, acredito que foi muita mudança para minha cabeça e, por isso, não foi um ano muito produtivo. No ano seguinte mudei de escola novamente, dessa vez para uma bem próxima a minha casa. Comecei a estudar no turno da noite, pois tive que começar a trabalhar para ajudar a minha família.

Apesar de já estar cursando o ensino médio não lembro exatamente de ter escolhido que curso queria na faculdade. Só lembro de minha mãe sempre falar de seu sonho de ter seus filhos com ensino superior. Ao concluir o terceiro ano do ensino médio prestei vestibular para

Ciências Biológicas, mas não tive sucesso. Mas foi nesse ano, que conheci na escola o rapaz que hoje é meu marido e também conheci a religião a qual pertença, que foi a grande influenciadora na escolha pelo curso de Pedagogia.

A primeira influência foi minha avó materna, Maria de Lourdes. Que não tinha muito estudo, mas sabia ler e escrever. Amava livros, adorava conhecer coisas novas. Tinha uma letra muito bonita e sempre que alguém da cidade que ela morava precisava escrever uma carta, pedia para que ela escrevesse. Até que uma de suas cartas chegou nas mãos de alguém importante em sua pequena cidade, foi quando a convidaram para ser professora. Ela pode terminar seus estudos e realizar cursos para tornar-se professora. Como ela amava ensinar! Orgulhava-se muito de sua história, e nós também.

Parafrazeando uma frase bastante conhecida que diz o seguinte: Ensine, e se preciso fale. Não sei de quem são essas palavras, mas sei que fizeram bastante sentido para mim. Quão importante é o exemplo e a influência de nossos familiares em nossa formação.

A segunda influencia como já falei foi a igreja. Sou membro de uma igreja que em sua organização existem salas de aulas. Nós como membros ensinamos uns aos outros, independente de nosso conhecimento secular ou nossa condição financeira. Mas acreditamos que sempre temos algo para ensinar, assim como sempre podemos aprender algo novo.

Então, fui convidada a ministrar aulas em uma classe de moças entre 12 e 17 anos. Foi um grande desafio, pois era algo que nunca tinha feito na vida. Mas com o tempo ao preparar e ministrar as aulas fui percebendo que também aprendia muito com aquelas jovens, que ao ouvi-las e conhecer suas experiências, fazia-me pensar e buscar ser uma pessoa melhor.

Na igreja assim como na Escola Moderna acreditamos na ajuda mútua e no trabalho cooperativo, não trabalhar por trabalhar, mas trabalhar para a vida, para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Com o passar do tempo aos vinte e um anos de idade, resolvi servir como voluntária em um programa de missionários da igreja. Fui enviada para o Rio Grande do Sul onde servi por um ano e meio. Nosso objetivo era compartilhar o que acreditamos com todas as pessoas que tivessem interesse em conhecer nossas crenças.

Após essas experiências a sementinha da pedagogia foi plantada em mim. Até que depois de muitos anos, em 2017, eu já estava casada, com duas filhas e morando na cidade de Araxá em Minas Gerais, surgiu a grande oportunidade da minha vida. Apesar de não estar muito confiante, pois já fazia muitos anos que não estudava, mesmo assim resolvi tentar o vestibular do curso de Pedagogia EAD oferecido pela UFU via UAB. Para minha surpresa e alegria fui aprovada!

No decorrer do curso tive diversos desafios. Tanto tempo sem estudar, não ser mais tão jovem, ter inúmeras prioridades que precedem aos estudos. Mas aprendi que aquilo que não requer sacrifício não vale a pena ou não transforma. Hoje estou aqui preste a me tornar pedagoga.

3. TÉCNICAS FREINET – O CONHECIMENTO POR MEIO DA VIVÊNCIA

Figura 1- Célestin Freinet



Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZZR#1>

Segundo Elias (2010), Célestin Freinet nasceu no ano de 1896, na região sudoeste da França, num vilarejo conhecido como Gars, na região de Provença. Toda a sua infância viveu como pastor de rebanho em contato com a liberdade e a natureza, onde obteve um aprendizado que somente a vida de camponês lhe proporcionou.

Ainda segundo a autora, com dezesseis anos entrou para Escola de Formação de Professores (Escola Normal) de Nice, porém após dois anos seus estudos foram interrompidos com sua convocação para o serviço militar, onde participou da 1ª Guerra Mundial. Em um dos combates sofre a ação dos gases tóxicos que o acometera de uma lesão grave pulmonar. Ao retornar da guerra, mesmo com sua saúde bastante comprometida e sem nenhuma experiência na área docente, mas com grande desejo de dedicar-se ao magistério começa a sua trajetória na educação.

Diferentes de muitos grandes pensadores e teóricos da educação, Célestin Freinet, atuou em sala de aula como professor primário. Acreditava que a sociedade poderia ser transformada pela educação, e com essa crença lutava por uma escola que atendesse a classe popular.

Por conta de sua condição física, sua proposta era voltada para uma pedagogia de trabalho e cooperação; não um trabalho que escraviza e aliena, mas trabalho para o conhecimento e aprendizado. E a partir desse ideal Freinet desenvolve técnicas que revolucionam a educação, respeitando a criança e seu desenvolvimento propõe aulas que ligam teoria e prática como a aula-passeio, imprensa, ateliês, correspondência, texto livre, conferências, jornal mural, jornal escolar, livro da vida.

Neste capítulo, serão analisadas três técnicas desenvolvidas por Célestin Freinet, são elas: aula passeio, texto livre e o livro da vida.

Observaremos como ideias simples mas com grande poder, podem influenciar positivamente o aprendizado e o desenvolvimento para um ser ativo e não somente ouvinte.

3.1 O surgimento de uma nova pedagogia

Figura 2 - Freinet e alunos em Bar- sur- Loup



Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZZR#6>

Segundo Sampaio (1989), Freinet iniciou sua jornada na educação em 1º de janeiro de 1920, em uma classe multiseriada na zona rural de Bar-sur-Loup. Apesar de buscar dedicar-se inteiramente a sua profissão, sua saúde o limitava, pois com sua grave lesão pulmonar era difícil conseguir acompanhar o programa, mas além disso e ainda mais importante, buscou meios para que as crianças pudessem encontrar na escola motivação.

Elias (2010, p.33) relata que “mais do que poupar forças, Freinet rompe com uma pedagogia de que ele mesmo experimentara.”

Ao observar seus alunos, Freinet tomava nota de todas as coisas que considerava importantes e com isso foi conhecendo cada vez melhor seus alunos. Percebeu que a rotina de

filas e exigências dos programas, carteiras pregadas no chão, nada disso motivava as crianças para o aprendizado, mas as coisas que se moviam e aconteciam fora daquelas paredes eram bem mais interessantes para elas. (ELIAS, 2010).

Freinet decidiu que precisava fazer algo, que aquela forma de ensinar precisava mudar, que novos caminhos deveriam ser trilhados.

Há então aqueles que dizem: Intervenhamos, se possível, para impedir que o meio se altere; retornemos a estabilidade a que a criança se adaptara unicamente por meio do exercício de sua actividade instintiva; ser-nos-á então muito mais fácil, sem tantas preocupações educativas, atingir a harmonia e o equilíbrio que constitui a perfeição da adaptação. E este raciocínio não é falso. (FREINET, 1976, p. 36).

A partir desse pensamento Freinet busca meios de fazer com que as crianças aprendam por meio de atividades espontâneas e humanizadas, atividades essas que se assemelhem a sua vida fora da escola, tornando a adaptação e o aprendizado escolar muito mais prazeroso. Por meio de muito estudos, tateios e experimentando a criança tinha um papel ativo em sua própria educação.

Segundo Elias (2010), o educador francês nunca viu suas técnicas como métodos para serem seguidos à risca, mas como um movimento para a criação de uma nova pedagogia, uma “pedagogia popular”. Movimento que segue até os dias de hoje, transformando professores em vários lugares do mundo.

3.1.1 Aula passeio

Figura 3 - Aula passeio



Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZZR#6>

Segundo Sampaio (1989), ao ministrar suas aulas seguindo o currículo escolar, Freinet observou que ao ler manuais e textos que para as crianças não faziam sentido algum, não era algo que despertava o desejo de aprender, mas o que realmente chamava a atenção delas estava além das janelas daquela sala de aula. Então, porque não ir aprender fora da sala de aula, com o que realmente interessava as crianças? A partir dessa observação Freinet organizou a aula passeio.

Saiam todos juntos, passando pelas ruas estreitas da vila, parando um pouco para admirar o trabalho do marceneiro ou para ver e ouvir as marteladas fortes e firmes do ferreiro. Também passava pelos campos que, ao se transformarem conforme as estações aguçavam a curiosidade das crianças: as flores que se abriam na primavera, mais tarde os frutos que ficavam maduros, em seguida, a colheita. Tudo era percebido. Além do trabalho dos camponeses, observavam os pássaros, as nuvens, o vento, a cor das matas, que cobriam os morros ao redor do vale, a água do rio que subia e baixava. Eram momentos mágicos. (SAMPAIO, 1989, p. 15).

A aula passeio, apesar desse nome, era muito mais que sair da sala de aula, as crianças não só examinavam escolarmente as flores, folhas, insetos, riachos, como acontecem tradicionalmente mas elas podiam sentir com todo ser e sensibilidade. (FREINET, 1949). E todo esse aprendizado ficava gravado nas crianças, pois não viam apenas imagens em um livro, mas presenciavam os acontecimentos podendo assim entender muito mais cada processo.

Freinet sempre respeitou a criança e sua infância, por meio de observação das experiências que vivenciava junto a seus alunos e também muito estudo e pesquisa, buscava melhorar suas técnicas para que o aprendizado fosse algo prazeroso e que estivesse inserido na vida das crianças.

A aula passeio tem como seu principal objetivo, fazer com que as crianças desenvolva seu lado investigativo, através do contato com a natureza e com a realidade ao seu redor.

É importante que haja um planejamento e um objetivo a ser alcançado. Segundo Silva, Prestes e Pena (2011), Freinet sempre planejava suas aulas com objetivos que se interligavam, mesmo tendo um objetivo central, como por exemplo o conhecimento sobre a vegetação, sempre havia espaços para obter conhecimento em diversas áreas como matemática, produção de textos e ciências sociais.

A aula-passeio deve estar articulada aos objetivos e sua organização realizada de forma coletiva, deve proporcionar oportunidades de expressão, comunicação, criação, pesquisa e “tateio experimental”, nome usado nos estudos de Freinet para a capacidade da criança de realizar uma pesquisa usando a reflexão,

levantando hipóteses e tentando verificá-las. (SILVA, PRESTES, PENA, 2011, p. 4397).

A técnica da aula passeio quando bem organizada, além de proporcionar aos alunos uma experiência enriquecedora em conhecimento e cultura, amplia sua visão e sensibilidade com relação a vida e as pessoas ao seu redor.

3.1.2 Texto livre

Figura 4 - Texto livre



Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZZR#19>

Segundo Imbernón (2012), Freinet iniciou suas experiências de classe com a aula passeio, que faziam com que as crianças dialogassem e expressassem o que estavam descobrindo em escrita oral e livre. Isso fez com que buscasse material para que as crianças pudessem se expressar livremente sobre o passeio realizado.

Segundo Arena e Resende (2020), Freinet adjetivava algumas de suas técnicas com a palavra livre, como em texto livre, livre expressão, para marcar o caráter libertário de sua concepção e trazer a liberdade para a escola, para os professores e para os alunos.

Para Freinet (1976), o ato de pedir para uma criança escrever um texto, sobre o que desejar em um determinado tempo, ou seja, fixando um horário, não é um texto livre e sim uma redação com tema livre.

Em seu livro intitulado “O Texto Livre”, Freinet nos explica que “um texto livre, deve ser realmente livre. Quer isto dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando aquilo que em nós se agita.” (FREINET, 1976, p. 21), e ainda:

A criança escreverá o seu texto espontâneo à noite, num canto da mesa, nos joelhos, ouvindo a avó recordar histórias surpreendentes do passado; em cima da pasta; antes de entrar na aula, e também naturalmente, durante as horas de trabalho livre que reservamos na utilização do tempo. (FREINET, 1976, p. 21).

Freinet (1976) nos explica que através de um texto escrito espontaneamente, podemos ver a verdadeira imagem da vida da criança, as coisas que despertam seus sentimentos e interesses mais profundos, aí sim teremos um texto realmente de grande valor pedagógico.

A liberdade é algo importante para que a criança desenvolva seu texto, mas não é a única ferramenta necessária, Imbernón (2012) como também Arena e Resende (2020), nos falam que é necessário também motivação: “Para obter um texto livre muito rico não basta dar liberdade, também é necessário que os alunos se encontrem imersos em um meio estimulante e motivador.” (IMBERNÓN, 2012, p. 34).

“A abundância de textos livres está vinculada à motivação que os professores lhe saibam dar. [...] Sem que haja motivo para se escrever, o texto livre voltará a ser uma redação de tema livre e tarefa obrigatória para se aprender a escrever melhor a organização de um gênero qualquer.” (ARENA; RESENDE, 2020, p. 120).

Faremos como a mãe: ouviremos as nossas crianças falar livremente, prestando atenção a cada uma. Depois – e é aí que começa o papel eminente do pedagogo – detectaremos, nessa avalanche de histórias, as pistas que nos pareçam mais férteis para a tarefa que vamos empreender. (FREINET, 1976, p. 27).

Segundo Arena e Resende (2020) para que se possa desenvolver a prática do texto livre, a escola precisa se tornar uma meio vivo para a criança, sem essa condição de produção não é possível escrever um texto vivo a partir do interesse de cada um. Para elas,

As crianças possuem um ritmo diferente do adulto. Trabalhar com um texto livre eleito pela turma durante uma semana pode ser fatigante e desinteressante. Caso o professor priorize no texto o ensino da gramática à exaustão, o entusiasmo se extingue e o tédio adormece o apetite de se exprimir e de escrever. É importante que muitos textos sejam lidos por dia. Não há necessidade de trabalhar um deles até que ele se torne impecável no que se refere aos componentes gramaticais. Ele precisa ser rico de história viva e compreendido por todos. As condições de manipulação da construção sintática da língua virão pouco a pouco, assim como a criança aprendeu a falar pouco a pouco no seio familiar. (ARENA; RESENDE, 2020, p. 121).

Segundo Arena e Resende (2020), não são todos os textos livres escritos pelos alunos que são trabalhados em sala de aula, mas aqueles que tem grande riqueza e vida em sua história e que é escolhido por todos. Cabe ao professor incentivar aqueles que seus textos não forem escolhidos ou que não querem escrever, lembrando que cada criança é única e tem o seu tempo. Com a prática do texto livre na escola, Freinet permitiu que as criança desenvolvessem um estudo da língua que excede o da escola tradicional na França.

[...] o texto livre não é uma invenção técnica espontânea, mas que o seu aparecimento representa um verdadeiro salto qualitativo (no sentido dialético do termo). O seu aparecimento episódico (uma criança que fala no interior da aula do que acabou de ver no exterior imediatamente antes) não deve iludir-nos, mas servir de paradigma; o fora entra no dentro não por intermédio de uma tecnologia alienante, mas pela própria instituição, que segrega a sua própria tecnologia que por seu intermédio se liberta. (CLANCHÉ, 1977, p. 35-36)

Segundo Arena e Resende (2020), a motivação de Célestin Freinet para utilizar o texto livre, são as mesmas que vivemos hoje com nossas crianças, que aprendam a ler e a escrever, mas não somente isso, que saibam verdadeiramente se exprimir oralmente ou pela escrita.

3.1.3 Livro da vida

Figura 5 - Livro da vida



Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZZR#18>

Segundo Sampaio (1989), a ideia do Livro da vida veio através da utilização da técnica do texto livre e da imprensa, as crianças apresentavam sua família, expressavam seus sentimentos e interesses por meio de seus escritos e desenhos, a par disso, Freinet criou com

seus alunos um grande caderno onde eram registrados todos os fatos interessantes, os momentos mais vivos ficavam registrados no livro da vida e também os textos e desenhos criados pelas crianças. As anotações podiam ser feitas pelas crianças e até mesmo pelo próprio Freinet.

Através do Livro da Vida, as crianças têm a possibilidade de guardar seus materiais, de organizar as suas vivências, de relatar os acontecimentos e, com isso, valoriza-se a sua participação na escola como parte de um coletivo desenvolvendo suas habilidades na expressão e na escrita real.

Para Rabelo (2016), o livro da vida além de tudo o que foi falado também auxilia em um instrumento de grande importância, que é a memória.

O livro da vida é parte da memória da turma, é uma memória que pode ser (re)vista e analisada. A participação das crianças durante a produção do livro da vida é algo que vai ser constituído de forma conjunta e gradual. As páginas do livro da vida vão sendo preenchidas com um esboço do que foi vivido e experienciado pelas crianças e demais indivíduos que participaram do cotidiano escolar. Sendo assim, trata-se de uma obra coletiva construída pelos pertencentes a uma mesma turma, fazendo das crianças, junto com a professora, coautoras nesta produção de registros e memórias. (RABELO, 2016, p. 44)

Segundo Rabelo (2016), os registros e imagens são como um testemunho que dão suporte para a memória representando de modo singular os acontecimentos vividos pela turma. Ao situação de rever fotos e ler os escritos envolve valores, sentimentos que muitas vezes são diferentes dos registros. O livro da vida permite viver histórias e também narrar novas histórias, construção de identidades e conhecer fatos.

Através do livro da vida podemos entender ideologias, culturas e instrumentos que nos faz viajar no tempo individualmente e até mesmo coletivamente, muitas vezes ajudando a descobrir o nosso eu.

3.1.4 Imprensa escolar

Figura 6 - Imprensa escolar

Fonte: <https://app.emaze.com/@ALZITZR#17>

Segundo Sampaio (1989), a ideia da imprensa surgiu pelos diversos textos criados pelas crianças relatando seus sentimentos e experiências na aula passeio, que ficavam presos dentro do armário. Freinet não conformado com isso, pois seu desejo era que outras pessoas tivessem acesso a esses escritos tão cheios de vida, tinha que fazer algo para mudar essa situação. “A idéia veio bruscamente: por que não imprimir aqueles textos para que pudessem ser passados de mão em mão, lidos e relidos por outras pessoas?” (SAMPAIO, 1989, p. 21). Apesar de perceber desaprovação dos tipógrafos com quem foi falar, Freinet não desistiu da sua ideia, pois acreditava que esse era o caminho certo e que as crianças tinham total capacidade de usar uma impressora.

Segundo Sampaio (1989), as crianças ficaram tão interessadas e empolgadas com a impressão de seus textos que surpreendeu até o próprio Freinet. Muitas foram as contribuições da imprensa para o aprendizado das crianças. Ainda segundo a autora, no livro, O Itinerário de Célestin Freinet – a livre expressão na pedagogia Freinet, Elise Freinet cita vantagens para o desenvolvimento pedagógico das crianças por meio da técnica da imprensa escolar, a saber:

Agilidade manual e coordenação harmoniosa dos gestos.
 Na execução do trabalho, educação da atenção, cada letra tem seu valor, pois é preciso que o texto impresso seja o mais perfeito possível.
 Exercício progressivo da memória visual.
 Aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita das palavras.
 Sentido permanente da construção de frases corretas.
 Aprendizagem da ortografia pela globalização e análise de palavras e frases ao mesmo tempo.
 Sentido de responsabilidade pessoal e coletiva.
 Novo clima de uma comunidade fraternal e dinâmica. (E. FREINET, Apud SAMPAIO, 1989, p. 30).

Para Dallabrida e Furtado (2021), a seriedade que as crianças davam as publicações dos textos que elas produziram, faziam que a sua impressão não fosse feita de qualquer jeito, mas da melhor maneira possível, trazendo assim grandes vantagens ao processo de aprendizagem. Contudo é de grande importância destacar não só o uso das técnicas utilizadas, mas também a metodologia adotada em todo processo que o faz não só mais um trabalho, mas algo transformador.

Mais importante do que o jornal, como produto final, é o esforço conjunto para fazê-lo; é a iniciativa assumida; é a decisão tomada em diversas circunstâncias; é o confronto de ideias havido; é, enfim, a enorme gama de interações estabelecidas nos mais diferentes níveis, no decorrer do processo de sua realização (SANTOS, 1993, p. 67).

Para Santos (1993), era uma atividade em que todos precisavam colaborar para um único objetivo, que seria produzir o jornal da melhor maneira possível e para que isso acontecesse todos precisavam desenvolver seu trabalho com esmero.

De acordo com Freinet (1974, p. 48): “[...] cada página do jornal é como um degrau na lenta escalada da educação e da cultura: ela materializa e idealiza o esforço. É a medida da Escola”.

4 CONCLUSÃO

Após a reflexão sobre toda minha trajetória percebo que Freinet estava certo sobre suas teorias e propostas pedagógicas, pois a vida é um grande canteiro de obras, onde precisamos uns dos outros ou seja da cooperação para podermos escrever o texto livre de nossas vidas dia a dia. A escola precisa fazer parte disso de forma natural, para que cada um possa aprender no seu tempo, mas participando ativamente dos ateliês do conhecimento.

Por meio das técnicas Freinetianas como a aula passeio, o texto livre, o livro da vida e a imprensa escolar, damos a oportunidade para a criança demonstrar seus conhecimentos e interesses, expressando-se livremente, tornando-se pensadores críticos desde sua infância.

Podemos aprender com Célestin Freinet que a criança precisa desenvolver-se naturalmente e no seu tempo, mas que o papel do professor como condutor nesse trajeto é indispensável para realizar essa ligação entre o científico e a vida cotidiana.

As ideias, ou seja, as técnicas desenvolvidas por Freinet, nos mostram a necessidade de uma nova escola onde o conhecimento, o trabalho e a vida andem juntos. Para que isso aconteça precisamos utilizar novos métodos onde não só despertem a curiosidade, mas façam com que as crianças tenham desejo de aprender, reconhecendo seu próprio conhecimento, sua história de vida.

O trabalho de Célestin Freinet tem atravessado o tempo e suas contribuições na educação nos traz a esperança de uma educação transformadora, onde a criança seja vista em sua totalidade, podendo se expressar e fazer com todos a ouçam. Que possamos propagar essas essa visão. Propaguemos o aprendizado por meio do trabalho e da cooperação, uma nova pedagoga, a do bom-senso.

REFERÊNCIAS

ARENA, Adriana Pastorello Buim, RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda. **A vida na escrita e a escrita na vida**: um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet, São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CLANCHÉ, Pierre. **O texto livre**: escrita das crianças. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

DALLABRIDA, Norberto, FURTADO, Denise. Texto livre, trabalho colaborativo e imprensa escolar na Pedagogia Freinet. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 60, p. 1-19, e-24910, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/24910/14569>

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet**: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREINET, Célestin. **Ensaio da Psicologia Sensível I**. Tradução de Margarida Mendes Palma e Maria da Fátima Sá Melo Ferreira. 1º vol. Lisboa: Editora Presença, 1976. (Coleção Questões)

FREINET, Célestin. **O Método Natural II**: a aprendizagem do desenho. Tradução de Franco de Sousa, Teresa Balté. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

FREINET, Célestin. **A Educação do Trabalho**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G Pereira. São Paulo: Martins Fontes 1998. (Psicologia e Pedagogia).

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Tradução Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editorial Estampa, 1974

FREINET, Célestin; Tradução J. Baptista. **Pedagogia do bom senso**. 7. ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2004.

IMBERNÓN, Francisco. **Pedagogia Freinet**: a atualidade das invariantes pedagógica. Porto Alegre: Penso 2012

MORAES, (Org.) Maria de Fátima. **Freinet e a escola do futuro**. Recife: Bagaço, 2011.

PENA, Nadja Cristina, PRESTES, Andréa Siqueira, SILVA, Célia Regina de Souza. **Pensamento de Freinet e as Possibilidades de Pesquisa no Ensino Fundamental**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2011.

RABELO, Gabriela Moreira. **Livros da Vida**: memórias das crianças e/em práticas pedagógicas na educação infantil – Campinas: PUC – Campinas, 2016.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, Maria Lúcia dos. **A expressão livre no ensino da língua portuguesa**: pedagogia Freinet. São Paulo: Scipione, 1993

SILVA, Ana Laura Ribeiro da, et al. Pedagogia Freinet e a escola no século XXI: perspectivas humanizadoras para o trabalho pedagógico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p.669-687, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9632>>. E-ISSN: 1982-5587.